

European Nazarene
Bible College
Library

O ARAUTO DA SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO • 1 DE ABRIL DE 1984





O sangue

Há uma declaração incômoda, feita entre os anos 64 e 67 da Era Cristã e achada na Epístola aos Hebreus: "Sem derramamento de sangue não há remissão" (9:22).

Para alguns a frase tipifica uma filosofia agressiva e até selvagem. Ainda hoje o conceito é adulterado para justificar actos de carnificina com que líderes brutais impõem uma política intolerante.

Seria qualquer destes sentidos o implícito no Livro Sagrado? Muito longe disso!

O sangue vem associado à vida, qualquer que seja a civilização que estudarmos. No ritual religioso de muitos povos encontramos o estranho costume de derramar ou aspergir sangue num momento do culto sagrado. A reincidentia da prática é por demais curiosa para não lhe dedicarmos especial atenção. Ficamos presos a cenas bíblicas do Antigo Testamento em que milhares de animais são abatidos para que seu sangue redima, de alguma maneira, o pecado do povo.

Antes de irritarmos a Sociedade Protectora de Animais, vejamos o porquê de tão grande matança. Na base da necessidade que a dita, acharemos por certo um conceito sério e grave do pecado nem sempre perfilhado pela sociedade. Aliás, a Bíblia declara que o homem falho de entendimento *zomba do pecado*. Para ele é loucura e carnificina indesculpável sacrificar animais ou usar qualquer timpo de sangue em rituais religiosos.

Mas, para Deus, o pecado é sinónimo de morte. Pecar é, pois, condenar-se ao extermínio, exaurir—em sentido pictórico—o sangue da alma. Em declarações tão solenes quanto inescapáveis, a Bíblia diz: "A alma que pecar, essa morrerá"*; também, "O salá-

rio do pecado é a morte"**. Diante de tão grandes princípios, torna-se mais fácil compreender porque se generalizou o costume de pecadores se aproximarem de Deus com a oferta de uma vida, em substituição da própria.

O homem tem um conceito superficial do pecado, de modo algum aprovado por Deus. Na escala do Céu, o pecado gera sempre a morte, por mais sofisticados que sejam os tempos. Para o homem o problema do pecado pode encontrar cura na educação, no alcance de melhores índices de saúde e finanças. Para Deus, entretanto, apenas o sangue—a oferta de vida—neutraliza a morte intimamente associada a todo o acto pecaminoso.

Teremos, então, de passar a vida derramando sangue para expiar o pecado do mundo?

Não! E este é o NÃO mais glorioso do universo. A Bíblia diz, em João 1:7, "O sangue de Jesus Cristo, Filho de Deus, nos purifica de todo o pecado".

Reside nesta declaração o valor eterno da Paixão do Senhor na Páscoa Cristã. Satisfaz-se em Cristo a justiça de Deus que exige morte pelo pecado; ao mesmo tempo, revela-se no Gólgota o Seu amor infinito que deu solução ideal ao problema do pecado. O Filho de Deus sangrou para que você e eu não tivéssemos de morrer.

*Em Jesus há salvação
Pelo precioso sangue,
Paz e santificação,
Sempre pelo mesmo sangue.*

*Oh, fonte sem igual,
Que lava nosso mal!
Paz e perdão real,
Vemos nesse mesmo sangue.*

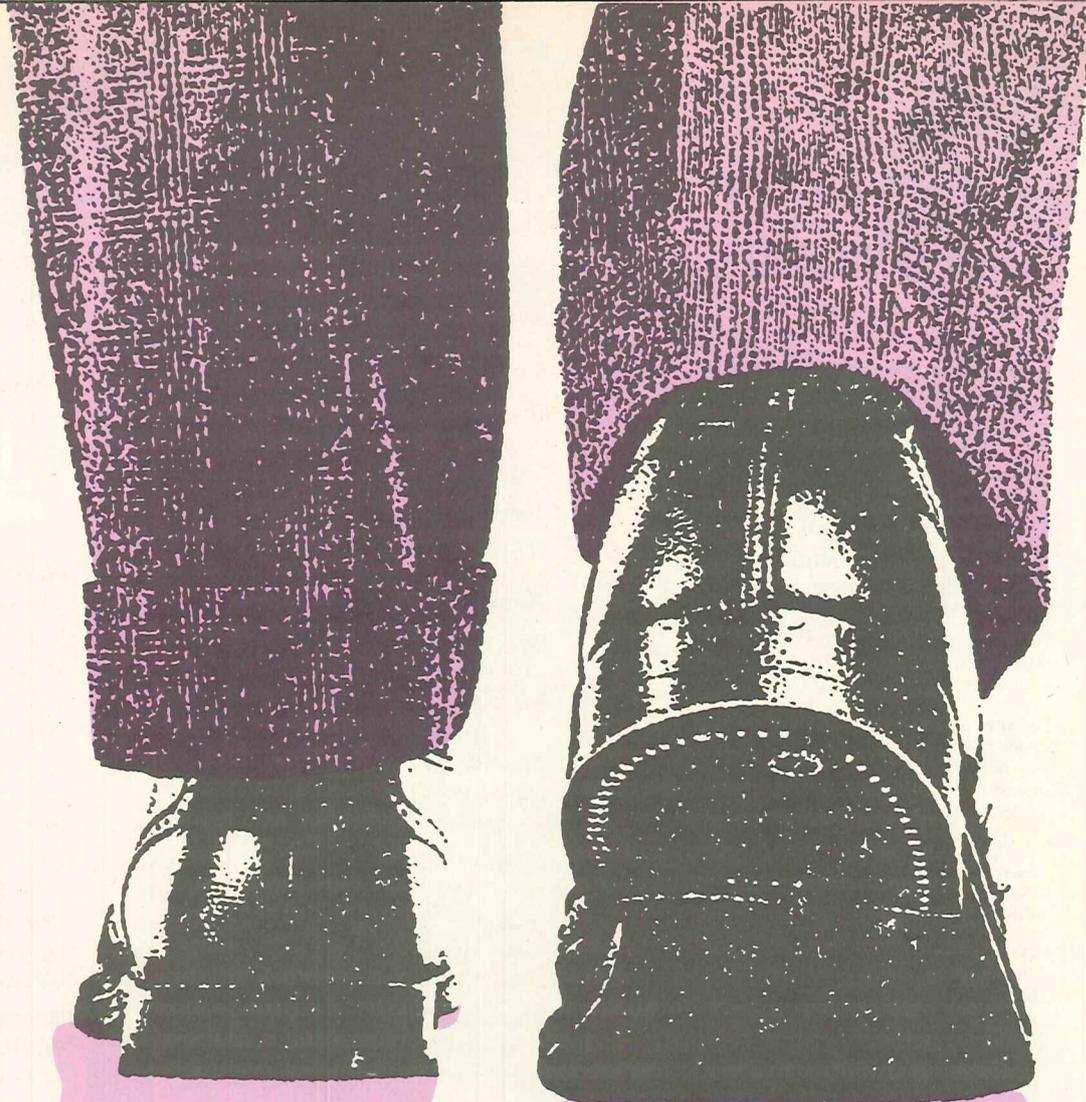
(Louvor e Adoração, 91)

—Jorge de Barros

*Ezequiel 18:20
**Romanos 6:23

Os que anunciam boas novas

—Jerald D. Johnson
Superintendente Geral



É quase impossível imaginar um mundo sem pregadores. Não só as pessoas que "são da igreja", mas também "as de fora", reconhecem que a sua vida se entrelaça e depende do ministério pastoral. Casamentos, funerais, momentos tristes e alegres reclamam com frequência a presença dum ministro.

A pregação é um veículo especial de Deus para salvação dos que crêem. O processo de ratificar o plano foi exposto com clareza por Paulo, no capítulo 10 de Romanos, principalmente nos versículos 14 e 15: "Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? e como crerão naquele de quem não ouviram? e como ouvirão se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados? como está escrito: Quão formosos os pés dos que anunciam coisas boas!"

Em primeiro lugar, eles não podem invocar alguém em quem não creram. Segundo, ninguém pode crer sem primeiro ter ouvido. Terceiro, não há forma de ouvir se não houver

quem pregue. Finalmente, ninguém pode pregar se não for enviado. A seguir vem a exclamação: "Quão formosos os pés dos que anunciam a paz, dos que anunciam coisas boas!"

Então, pela autoridade das Sagradas Escrituras, o pregador está certo do seu lugar especial dentro da estrutura eclesiástica.

O meu pastor (e o vosso) ergue-se diante de mim, com a confiança expressa da sua igreja, para proclamar a Palavra de Deus. Ele não é apenas um outro homem, mas um homem de Deus. Eu devo mostrar-lhe apreço. Ele merece o meu respeito. Estarei atento à verdade que ele me revela. Através dele aprendi a invocar Aquele em quem tenho crido. Pelo seu ministério encontrei as palavras de salvação para a minha alma. Quão formosos são, realmente, os pés daqueles que pregam boas novas! Dou graças a Deus pelo meu pastor a quem hoje respeito pela sua autoridade sobre a minha alma. □

O ARAUTO DA SANTIDADE

Volume XIII — Número 7
1 de Abril de 1984

BENNETT DUDNEY, Director Geral
JORGE DE BARROS, Director
ACÁCIO PEREIRA, Redactor
ROLAND MILLER, Artista
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES,
Administradora

O ARAUTO DA SANTIDADE
é membro da EPA (Associação
da Imprensa Evangélica)

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-370) é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente por Publicações Internacionais da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S. \$2.00; número avulso, U.S. \$.10. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-370) is published semi-monthly by Publications Services—Portuguese—of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri 64109, U.S.A. Subscription price: U.S. \$2.00 per year in advance; single copy, 10 cents in American currency. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.

FOTOS:

CAPA—H. Roberts
p. 4, 5—E. Perry
p. 6, 7—Wallowitch
p. 8, 9—Carew from Monkmeyer

o silêncio no domingo de ramos

—Ross. W. Hayslip

A entrada de Jesus em Jerusalém foi assinalada por um grande cortejo. Um Rei dava entrada na cidade. Era o profetizado Rei dos judeus. A Sua linhagem era, sem dúvida, real. Fora anunciado pelos anjos aos pastores como um rei. João Batista reconheceu e proclamara a Sua realeza. As profecias de séculos tinham-se cumprido. O Rei, por longo tempo prometido e esperado, entrava agora solenemente na cidade real.

As multidões receberam-nO com júbilo. Rodaram-nO. Cortaram ramos de árvores e espalharam-nos no caminho à Sua frente. Não se conheciam os sinais da passagem do jumentinho que o Mestre cavalgava. O povo atapeitou a estrada com grande variedade de ramos verdes. Entusias-

mas, as pessoas tiravam as capas e estendiam-nas no chão. Em breve o jumento que o Rei montava atravessou uma linda carpete feita com ramos da natureza e entrelaçada com o amor do homem. O coro cantou em tom jubiloso: "Hossana, bendito o Rei!"

Uma grande multidão saiu da cidade ao encontro do Mestre. Todos queriam participar no louvor e cooperar em atapeitar o caminho. Os dois grupos respondiam-se mutuamente com música antifonal de alegria. Era verdadeiramente um acontecimento judaico e real. Enquanto a música enchia o ar, os corações alegravam-se e sentiam, em geral, que chegara o seu Rei. Ao entrarem na cidade, acolheu-os um agouro silêncio. Os líderes judeus viram a cena e compreenderam-na. Eles sabiam o que significava. A cidadela do seu poder e prestígio estava a ser abalada. Mas eles eram os líderes da nação. Tinham grande responsabilidade. Viam o que estava a acontecer, mas não o compreendiam totalmente. Foi com temor que disseram: "Vedes que nada aproveitais? eis que toda a gente vai após ele" (João 12:19).

O nosso Mestre foi traído por um discípulo, "um dos doze" (Mateus 26:47). Foi um dos "seus familiares" (Mateus 10:36) que desferiu o golpe. Para executar o crime, o mundo escolheu um "amigo" de Jesus. O que quer dizer que a própria relação de intimidade com Cristo pode ser a arma de que o inimigo se serve; que os próprios elos que nos prendem a Ele se podem transformar em diabólica tentação. Satanás prefere aliciar um só membro do mais íntimo círculo de amigos do Senhor, a ganhar mil pessoas que os confessam distantes d'Ele

e amigas do mundo. E eu? Que faço eu no Reino? Serei eu digno de confiança? Ou estarei eu a soldo do inimigo?

O nosso Mestre foi traído no jardim em que orava. Foi no mais sagrado dos lugares que o traidor Lhe deu o seu imundo beijo. Foi o mais puro dos santuários, o que maior e mais reverente temor inspira na terra, que ele contaminou com a sua absoluta degradação. O mesmo posso eu fazer. Também eu posso entrar na igreja e projectar nela a luz impura das "lanternas e archotes" que trago

STATEMENT OF OWNERSHIP, MANAGEMENT AND CIRCULATION		
1. TITLE OF PUBLICATION		2. DATE OF FILING
O ARAUTO DA SANTIDADE		October 1, 1983
3. FREQUENCY OF ISSUE		ANNUALLY
4. COMPLETE MAILING ADDRESS OF PUBLISHER (Street, City, County, State and ZIP Code) (Not printer)		2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri 64109
5. COMPLETE MAILING ADDRESS OF THE HEADQUARTERS OF GENERAL BUSINESS OFFICES OF THE PUBLISHER (Not printer)		6401 The Paseo, Kansas City, Missouri 64111
6. FULL NAME AND COMPLETE MAILING ADDRESS OF PUBLISHER, EDITOR AND MANAGING EDITOR (Do not list all names)		
PUBLISHER: Bennett Dudney		
EDITOR: George Barrios		
MANAGING EDITOR: Roland Miller		
7. FULL NAME AND COMPLETE MAILING ADDRESS OF OWNER (Do not list all names)		
OWNER: Nazarene Publishing House		
8. KNOWN BONDHOLDERS, MORTGAGEES, AND OTHER SECURITY HOLDERS OWNING OR HOLDING 1 PERCENT OR MORE OF TOTAL AMOUNT OF BONDS, MORTGAGES, OR OTHER SECURITIES (Do not list all names)		
9. FOR COMPLETION BY NONPROFIT ORGANIZATIONS AUTHORIZED TO MAIL AT SPECIAL RATE (Section 3712, Internal Revenue Code) (Do not check this box unless you are a nonprofit organization authorized to mail at special rate)		
10. EXTENT AND NATURE OF CIRCULATION		
A. TOTAL NO. COPIES (Net Press Run)	2275	2400
B. PAID CIRCULATION	0	0
C. TOTAL PAID CIRCULATION (Sum of B. and C.)	0	0
D. TOTAL PAID CIRCULATION (Sum of D. and E.)	0	0
F. COPIES NOT DISTRIBUTED (Office use only; check appropriate box after printing)	1451	1640
G. TOTAL (Sum of F. and G.) (Do not exceed net press run of A.)	2275	2400
11. I certify that the statements made by me above are correct and complete		
Signature and Title of Editor, Publisher, Business Manager, or Owner (Do not print name)		
Signature: <i>Ross W. Hayslip</i>		
Title: <i>Editor</i>		

A resolução dos chefes judeus foi de carácter firme. O seu silêncio expressou rejeição positiva e absoluta. Não O aceitaram como Senhor e Rei. Diz-se que a mesquita de Santa Sofia, em Constantinopla, é uma igreja cristã transformada. Todos os símbolos cristãos e inscrições foram retirados e substituídos por símbolos e inscrições muçulmanos. Apesar disso, a figura do Senhor subindo ao céu com as mãos estendidas a abençoar é visível na cúpula do edifício, pois esborroou-se a tinta que a cobria. Jesus não pode ficar encoberto.

A que grupo teria eu pertencido se estivesse em Jerusalém neste Domingo de Ramos? Estaria cantando com o povo "Hossana" ou permaneceria em silêncio com os líderes judeus? É certo que não estive em Jerusalém, mas qual será a minha atitude neste Domingo de Ramos? Rejubilarei com o profeta Zacarias: "Alegra-te muito . . . exulta . . . eis que o teu Rei virá a ti?" (Zacarias 9:9). Ele é o Rei dos reis e o Senhor dos senhores! Um dia vê-LO-ei em toda a Sua glória! O Domingo de Ramos não é tempo de silêncio. □

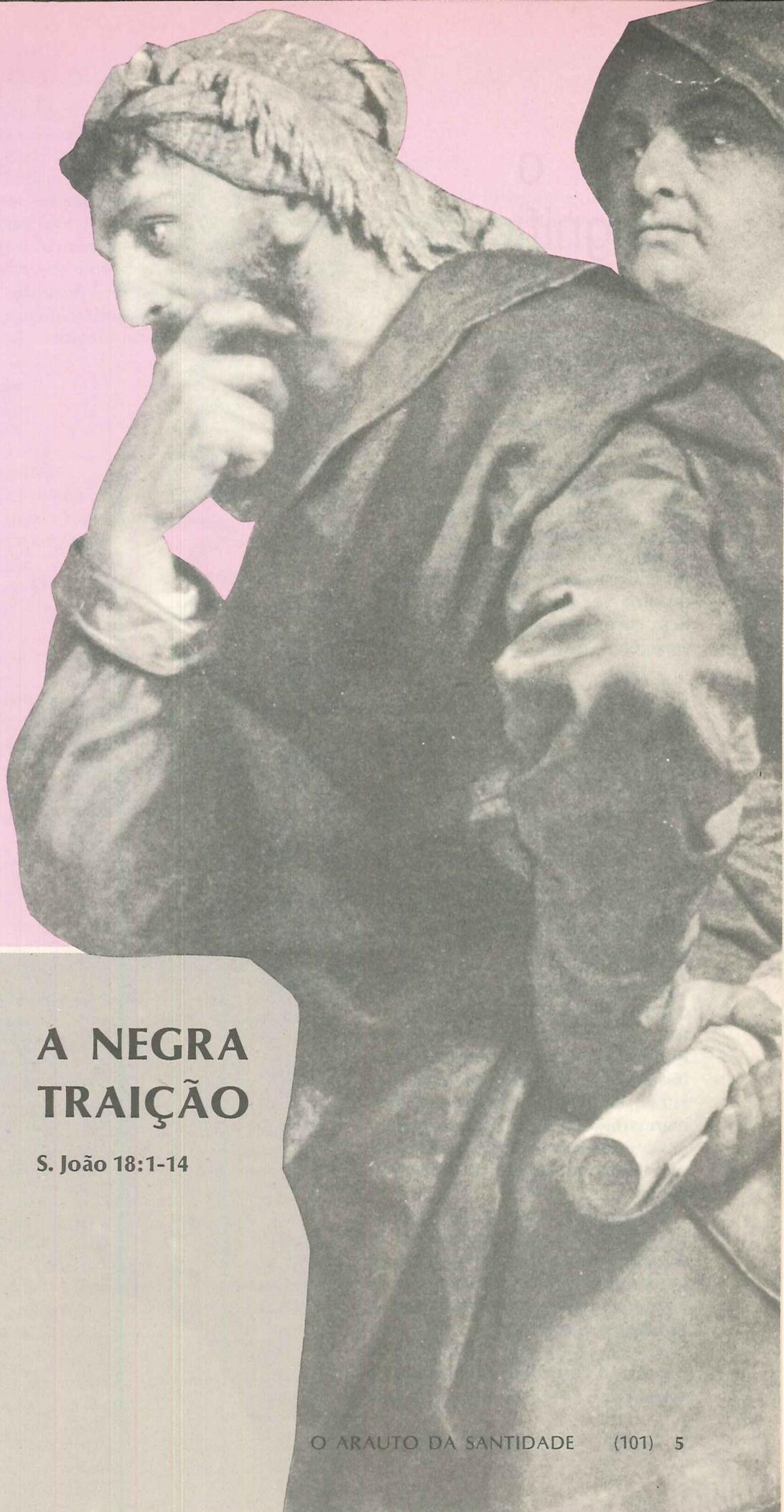
do mundo. Até de joelhos—sim, de joelhos!—eu posso apunhalar o meu Senhor. Na minha aparente devoção posso estar em trágica aliança com as potestades das trevas.

E pensar que a escura traição foi por dinheiro! O Senhor da Glória traído por trinta moedas de prata! Mas se existe alguma diferença entre Judas e muitos outros homens é que eles vendem o seu Senhor ainda por menos! Do poder de Mamon e da cegueira que fere as suas vítimas, livra-me Senhor! □

—John H. Jowett

A NEGRA TRAIÇÃO

S. João 18:1-14



O significado da cruz

—Aníps Spina

Para o verdadeiro cristão a cruz não é o pedaço de metal, de ouro, prata ou platina, engastado com ricas pedras de brilhantes. É, antes, o madeiro vil e maldito onde o Senhor Jesus Cristo expiou nossos pecados, de uma vez para sempre, no sacrifício cruento e perfeito que satisfaz a exigência divina.

1. A cruz significa *resgate*. O homem, pelo pecado, como bem sabemos, fez-se escravo do diabo. Jesus Cristo libertou-o do poder de Satanás, do pecado e da maldição.

2. A cruz significa *reconciliação*. O que era impossível ao homem fazer para sua felicidade eterna, o Senhor Jesus Cristo veio realizar. A cruz foi o instrumento de reconciliação entre as duas partes desavindas: o homem e Deus.

3. A cruz significa *redenção*. Pela cruz o Senhor Jesus é feito Redentor, isto é, o nosso Libertador. Como Redentor liberta-nos do juízo da lei (Gálatas 4:5), da maldição da lei (Gálatas 3:13), da tirania do pecado (Romanos 6:18-22), do túmulo (Salmo 49:15). Pela cruz Jesus Cristo liberta o homem de todo e qualquer pecado.

Nestes dias, quando os homens querem dar outro significado à cruz, urge da nossa parte distinguirmos o verdadeiro sentido da cruz e nele lermos a mensagem de perdão, vida, salvação e esperança.

Voce já conhece, por experiência própria, o verdadeiro significado da cruz?

Era um culto inspirador com testemunhos espontâneos, durante uma convenção missionária anual de distrito. Uma grande multidão enchia o tabernáculo de Endingeni, Suazilândia. Sentia-se o Espírito Santo no nosso meio.

Alguns missionários sentaram-se à frente, na plataforma. A minha atenção incidiu numa senhora suazi da congregação, bela mas de aparência frágil. A jovem levantou-se. Como é por vezes costume dos cristãos daquele país, ela começou o seu testemunho cantando um hino. Ergueu as mãos ao céu; o seu rosto incandescia com a glória de Deus enquanto o hino brotava de seus lábios:

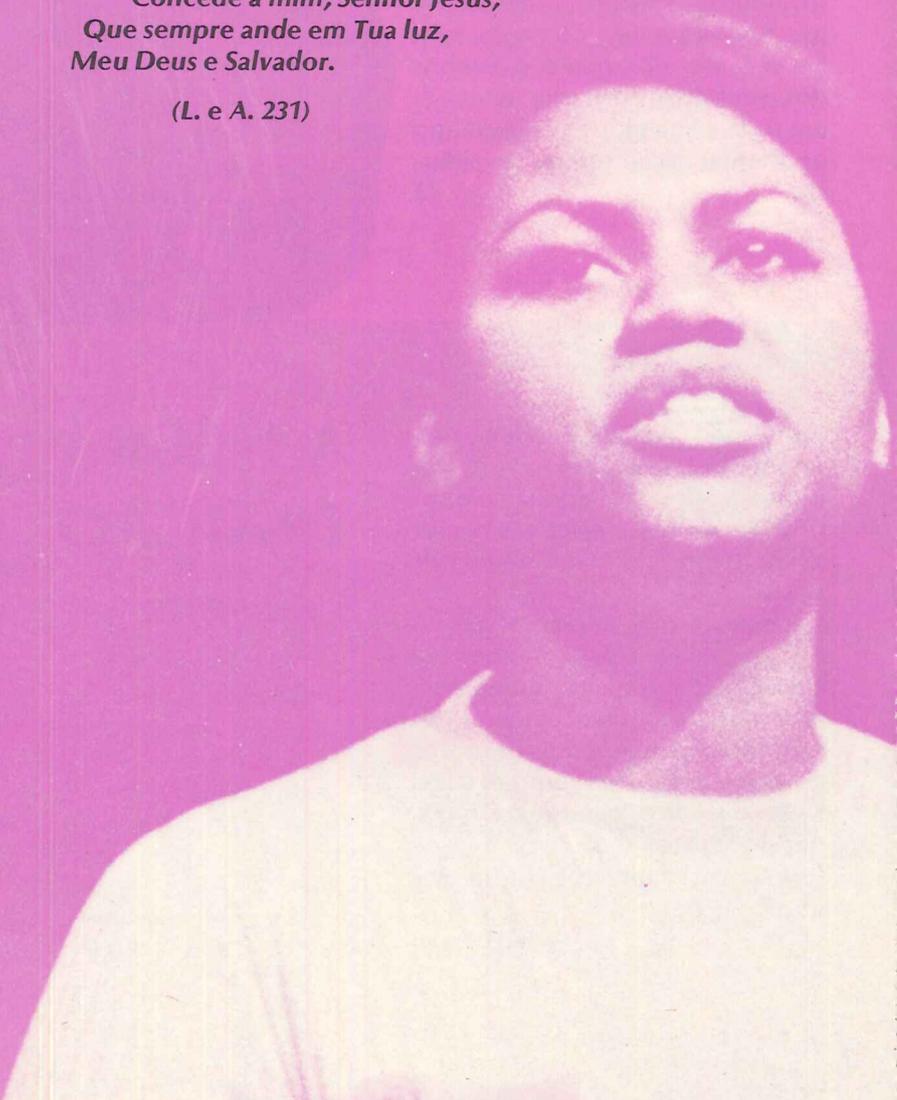
*Amor e vida rendo enfim
A ti, que foste à cruz por mim
E deste sangue carmesim,
Meu Deus e Salvador!*

*Amor e vida rendo a Ti,
Pois foste à Cruz sofrer por mim.
Amor e vida rendo a Ti,
Meu Deus e Salvador!*

*Que Tu me salvas, bem o sei.
Somente em Ti a fé porei.
Feliz, agora, viverei,
Meu Deus e Salvador!*

*Tu, que morreste sobre a Cruz,
Concede a mim, Senhor Jesus,
Que sempre ande em Tua luz,
Meu Deus e Salvador.*

(L. e A. 231)



O testemunho foi claro; o seu coração estava firme. Obediência completa ao Senhor da sua vida era o desejo profundo e sincero daquela jovem esposa de pastor.

Eu escutei, vi e ponderei. Interroguei-me acerca do seu futuro... estaria ela realmente a dizer a verdade *qualquer que fosse o preço*? Nós conhecíamos a senhora, o seu marido pastor e os filhos pequenos que viviam na estepe africana infestada de malária; encontravam-se expostos a várias doenças graves. Teriam de enfrentar necessidades, fome, seca, pobreza, escárneo, circunstâncias difíceis. Continuará ela sempre fiel a Cristo?

Volvidos anos, foi nosso privilégio encontrá-la.

Seu marido pastoreava a maior igreja da localidade principal. Ela andava muito ocupada com os deveres duma esposa de pastor, mas também dirigia reavivamentos nos arredores. As suas mensagens eram poderosas e dinâmicas; através da sua pregação muitas almas estavam sendo ganhas para Cristo. Tinha-se conservado fiel e obediente ao seu Deus.

Obediência à chamada e à vontade de Deus, a qualquer preço, traz paz, alegria, amor e vida para nós... e para os outros!

"Porque, como, pela desobediência de um só homem, muitos foram pecadores, assim, pela obediência de um, muitos serão feitos justos" (Romanos 5:19).

É nosso privilégio e responsabilidade seguir nos passos do nosso Mestre o caminho da obediência total. □

Obediência...
a qualquer
preço

—Lela O. Jackson

CONFISSÕES DUM INCRÉDULO

—Jim Spruce

Eu nunca imaginei que Jesus me escolhesse para O ajudar no Seu ministério. Aos outros, sim. João era calado: sempre firme, atento, leal. E Pedro, homem de acção. Sempre pronto a falar, a andar e a actuar. Também têm ouvido, com certeza, de Simão. Chamamos-lhe o "Zelote" em parte pelos contactos passados com a facção judaica radical que se opunha ao governo romano e, também, pelo entusiasmo que mais tarde devotou a Jesus.

Sim, éramos uma dúzia de homens que seguimos o Mestre. Uma mistura de carnalidade e cérebro, de trigo e joio. Alguns careciam de instrução e de cultura. Mas todos ficámos maravilhados com a doutrina que Jesus anunciara sobre Deus e o Reino do Céu. Os outros discípulos pareciam ter tanta fé e confiança no Senhor que lhes era fácil crer.

Para mim? Bem, as pessoas chamam-me pelo nome de Tomé, o "incrédulo". Não é que eu goste do termo, mas, para ser honesto, eu tinha dificuldade em compreender e crer naquilo que não via. Não é que, pessoalmente, negasse a Jesus ou dissimulasse amor. Não duvidava d'Ele. Afinal, quando você vê um milagre com os próprios olhos, não pode negá-lo!

E era esse o meu problema! Tanto quanto conseguia ver por mim mesmo, as maravilhas e as obras do Senhor eram extraordinárias. Mas, algumas vezes, aconteciam coisas quando eu estava ausente. Então recebia a notícia em segunda mão. E não aceitava o que já não podia ver.

O meu problema consistia, principalmente, em não crer. Eu era um verdadeiro incrédulo! Tinha de ser convencido, de ver provas. Apesar de tudo, as minhas piores dúvidas e receios acerca de Jesus tornaram-se realidade diante dos meus olhos: os judeus acabavam de O matar. Eu sentia dificuldade em compreender como Ele poderia ressuscitar da morte.

Quando chegou o dia em que Pe-

dro e João declararam que o sepulcro estava vazio, pareceu-me absurdo. Nem sequer pude acreditar quando eles me disseram que Jesus lhes tinha aparecido, no cenáculo, depois da Sua ressurreição! Eu não estava presente para o confirmar por mim próprio. Era um "crente de visão" e declarei corajosamente: "Se eu não vir o sinal dos cravos nas suas mãos, e não meter o dedo no lugar dos cravos, e não meter a minha mão no seu lado, de maneira nenhuma o creerei" (João 20:25).

Oito dias depois, estava no quarto superior da casa com os outros discípulos. A porta achava-se trancada porque tínhamos medo dos judeus. Repentinamente, Jesus apareceu no nosso meio. Como Ele o conseguiu, ainda o não sei. Mas eu vi-O.

E então Jesus olhou para mim! Reconheci pela primeira vez na vida que Jesus olhava para mim. Disse-me para ver, tocar, o que me surpreendeu.

Inesperadamente, senti-me constrangido a crer. Seria mais fácil duvidar, como antes. Qualquer pessoa podia duvidar. Eu era perito em dúvidas. Porém, quando Jesus falou, não tive outra alternativa senão crer!

E acreditei que Ele era o Cristo crucificado e ressurrecto.

Por um momento Ele deixou de ser o Cristo de todos os homens e nações, para ser somente *meu*! Cri que era Ele, pois via-O! Então Jesus disse-me: "Não seas incrédulo, mas crente" (João 20:27). Você devia ter visto o Seu olhar fixo e escutado o Seu mandato solene!

Mas por outro lado, penso que não, você não precisa de o ver. Acredite na minha palavra, pois eu O vi. Não é de admirar que creia a pessoa que vê, mas, antes, que possa crer aquela que não vê.

Um homem não é abençoado pelo que ele vê e crê. É-o se, quando não consegue ver por si mesmo, aceita as palavras de outrem e crê.

Você pode acreditar-me! Eu vi Jesus em seu lugar. Se pode crer em mim, não só terá maior fé do que eu, mas será capaz de entrar no Reino de Deus! □

Eu estava no lugar do costume, cumprimentando os crentes à medida que saíam do santuário. Um deles parou e disse: "Quero agradecer-lhe por ter estado perto quando recentemente o meu marido precisou de si. A nossa alegria é imensa ao vermos como o Senhor preparou tudo para o nosso bem." Enquanto dávamos graças ao Senhor pela resposta à oração, a minha mente voltou atrás, àquela escola dominical em Shawmut, Alabama.

À minha memória veio a história de um homem de pequena estatura, de uma multidão e de um sicômoro. O homem de pequena estatura desejava ver quem era Jesus, mas não podia por causa do seu tamanho; então ele subiu a um sicômoro de onde teria boa visão do Homem que se aproximava. Aquele lugar conspícuo chamou a atenção de Jesus. Caiu silêncio sobre a multidão quando Jesus parou e disse: "Zaqueu, desce depressa."

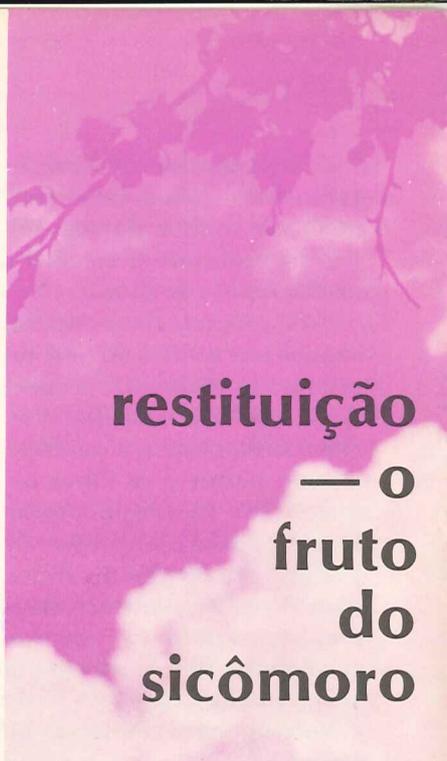
Uma pergunta acerca de Zaqueu tem-me perseguido todos estes anos: Será que ele tinha alguma ideia do preço que aquele relance de Jesus lhe custaria? Penso que não. A visão que Zaqueu teve do tronco daquele sicômoro transformou-o completamente. Quando, em qualquer altura, o homem chega à presença do Deus Vivo, jamais partirá o mesmo. Zaqueu respondeu ao amor de Cristo prometendo dar aos pobres metade dos seus bens e restituir em quadruplicado aquilo em que tinha defraudado. Este acto de restituição demonstra a presença de uma fé contrita. A resposta de Jesus foi simples: "Hoje veio a salvação a esta casa."

A base da nossa conversa à saída do santuário era um culto matinal de domingo. Um homem novo, respeitado e amado por todos, foi ao altar para oração. Se alguém tivesse pedido o parecer da congregação, esta teria sido unânime: "Certamente que ele é uma boa pessoa." Nós orámos e orámos, até que, finalmente, foi atingida a vitória e a paz verdadeira reinou no seu coração. Era evidente que Deus, pelos méritos de Cristo, tinha satisfeito a necessidade espiritual daquele homem.

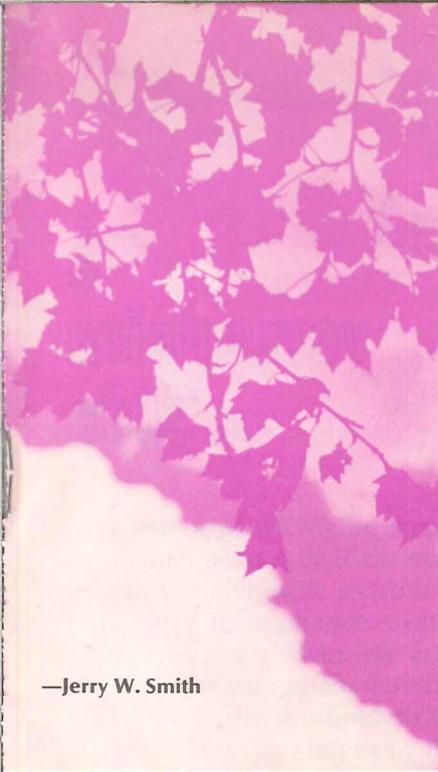
Ele não estava ciente do facto de que só tinha descido do "tronco do sicômoro". Na semana seguinte encontrámo-nos no meu escritório para discutir determinados problemas. Certas regras no seu emprego tinham sido quebradas. Ao regressar a casa com o coração perdoado, algumas coisas chamaram-lhe a atenção, coisas que não deviam estar presentes na sua casa. Um homem honesto não pode viver com lucros desonestos. Discutimos prolongadamente o problema e as diversas possibilidades de o resolver. Aquela atitude resoluta de obedecer a Deus, a despeito do preço, comoveu-me profundamente. Eu estava convencido que "tinha vindo salvação à sua casa".

Ao concluirmos a nossa conversa com oração, não fazíamos qualquer ideia do que iria acontecer: se haveria uma multa pesada, se encarceramento seria requerido, ou se resultaria numa despromoção. Mas de uma coisa estávamos certos, que o Espírito Santo de Deus seria obedecido.

Os dias que se seguiram revelaram a mão de Deus. Houve um encontro com o superior, a quem o recém-convertido fez uma confissão. Em resumo, disse-lhe: "Estabeleci recentemente a relação correcta com Deus. No contexto desta relação, há determinadas coisas que adquiri ile-



restituição — o fruto do sicômoro



—Jerry W. Smith

galmente e que, na verdade, não me pertencem. Estou pronto a pagar, a ir para a prisão ou a devolvê-las—aquilo que julgar certo.” A resposta surpreendida foi: “Já ouvi todas as confissões e desculpas imagináveis, mas nunca tinha ouvido algo semelhante!” O homem devolveu os artigos adquiridos ilegalmente, e Deus substitui-os por uma maior alegria e pela doçura da Sua presença. A vitória ainda é evidente.

A necessidade de restituição baseia-se na natureza do verdadeiro arrependimento. João Batista expressou esta exigência em termos vivos: “Produzi, pois, frutos dignos do arrependimento.” A natureza do arrependimento requer que nos apartemos do pecado, incluindo uma

tentativa de correção das faltas passadas. Requer humildade e uma consagração profunda.

Os assuntos resolvidos no altar de oração devem, por sua vez, ser também resolvidos com os homens. A Bíblia não descreve uma religião subjectiva, isto é, somente entre Deus e o homem. A Bíblia descreve uma santidade de vida com duas dimensões: vertical, na direcção de Deus, e horizontal, na direcção dos outros. Um coração limpo implica mãos limpas. Na Bíblia não encontramos uma religião puramente privada. John Wesley disse: “A Bíblia descreve um só tipo de santidade, santidade no contexto social.” Quando um assunto é resolvido com Deus em oração, a vitória alcançada gerará uma cadeia dinâmica de transformações na forma como conduzimos a nossa vida no mundo. Uma consagração privada significa que, se Deus assim o ordenar, a pessoa apresentar-se-á à parte lesada com uma confissão e disposta a fazer restituição.

Na minha memória está um “sicômoro” que jamais esquecerei. Por causa do exemplo de Zaqueu e da actividade do Espírito de Deus, um rapaz amedrontado bateu a uma porta não muito longe do altar onde Deus o tinha perdoado. “Posso falar com o Sr. White,” disse eu.

“Só um momento,” a Sra. White replicou. Passados alguns segundos ambos voltaram à porta. Nesta altura os meus joelhos tremiam. O desejo era de uma retirada rápida, mas o Espírito não o permitiu.

“Sim,” disse o Sr. White. “Que deseja?”

“Sr. White, o meu nome é Jerry Smith. Tenho uma confissão a fazer-lhe.”

Ele replicou surpreendido: “Confissão de quê?”

Eu expliquei: “Lembra-se de quando, meses atrás, uma pedra quebrou o vidro da janela da sua sala-de-estar? Bem, eu sou um dos culpados e desejo pedir-lhe desculpa.”

Sem dúvida o seu coração tinha sido tocado pelas minhas lágrimas e pelo meu nervosismo óbvio. Nunca esqueci as suas palavras: “Está tudo bem, meu rapaz. Já arranquei o vidro. Foram somente alguns centavos e um pouco de tempo. Mas estou contente com a tua atitude e desejo de arrumar este assunto. Não precisas de pensar mais nisto.”

Na realidade tenho pensado muitas vezes no incidente. Não trocaria por nada a vitória alcançada naquele dia. Lágrimas ainda me vêm aos olhos quando me regozijo na minha relação com Deus e com os homens. Graças a Deus pelos sicômeros. □

decisões cruciais

—Acácio Pereira

Acabo de ler um artigo que me enriqueceu espiritualmente. Recordou-me, entre outras coisas, um livro que recebi como prémio num seminário católico: *Caixa de Perguntas*. No seu conteúdo, pretendia refutar alguns pontos discordantes da Igreja Evangélica. Mas a sua leitura não teve qualquer influência nas minhas decisões. Todavia, mencionava um dogma, hoje abolido, que atormentava algumas almas indecisas: “Fora da Igreja Católica não há salvação”.

Ele ainda continua a melindrar a consciência de pessoas sinceras. Há tempos passou pela nossa igreja um grupo de jovens mexicanos. Pediram-me para lhes dar o meu testemunho. Fi-lo durante o tempo da Escola Dominical. Ao findar, um do grupo perguntou: “Pensa que eu me poderei salvar continuando na Igreja... X?” Muitos agarram a oportunidade para respostas inflamadas deste teor: “Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis; porque, que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas?... E que consenso tem o templo de Deus com os ídolos?... Pelo que saí do meio deles, e apartai-vos, diz o Senhor; e não toqueis nada imundo, e eu vos receberei” (II Cor. 6:14-18). Entretanto, não apresentei a esse jovem qualquer passagem bíblica, mas procurei explicar-lhe que nem a Igreja Católica Romana, nem a Igreja do Nazareno, nem qualquer outra denominação ou seita salvam. Não é por pertencer a determinada igreja que se tem o céu garantido. A salvação depende da nossa relação com Jesus Cristo. Ele é o único que salva: “Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem” (I Timóteo 2:5). “O sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pe-

cado" (I João 1:7).

A igreja—como organização religiosa—é uma ajuda, mais ou menos eficaz, para melhor nos aproximarmos de Deus e manter viva a nossa fé. Porém, há grupos que se dizem cristãos mas que são heréticos. Não fazem parte da verdadeira Igreja de Jesus Cristo. Defendem e espalham doutrinas errôneas.

Depois de ter animado esse jovem a entregar-se sem reservas a Jesus e a orar com fervor pedindo a orientação divina, aconselhei-o a fazer esta pergunta: "Qual das igrejas que eu conheço me ajudará mais a levar uma vida santa, a ter comunhão com Deus e a chegar um dia ao céu?"

Logo que o homem reconhece que está no erro, deve buscar a verdade. Seguir a religião dos pais, só por ser tradição, não basta.

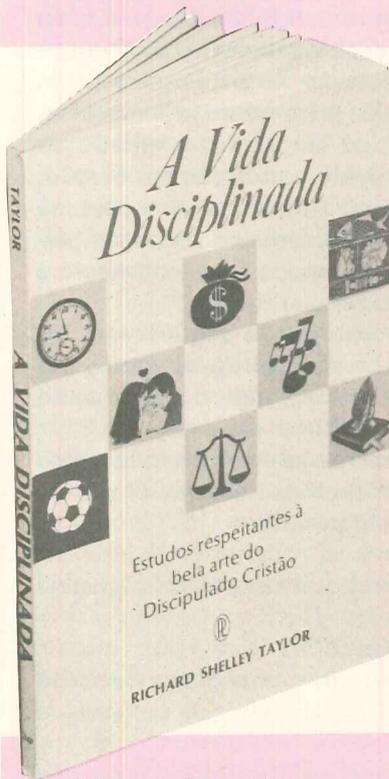
Atravessamos hoje uma época de compromissos religiosos e de tolerância sem precedentes. Mas quando falta a orientação do Espírito Santo, todos os esforços humanos são inúteis, e por vezes, descabidos. Sigamos o Mestre. Ele é o nosso Guia. Sem Ele, todas as decisões são arriscadas. A boa norma deve manter-nos afastados de tudo que seja contrário à Palavra de Deus.

A Sagrada Escritura menciona um caso flagrante. Certa vez o povo judeu foi desafiado a fazer a sua maior decisão de sempre: "Qual quereis que vos solte? Barrabás, ou Jesus, chamado Cristo?" (Mateus 27:17). E a sua escolha impensada teve funestas consequências. Cumpriu-se à risca a profecia de Jesus: "Os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te sitiarão; e te estreitarão de todas as bandas; e te derribarão... e não deixarão em ti pedra sobre pedra, pois que não conhecestes o tempo da tua visita" (Lucas 19:43-44).

As decisões de hoje repercutirão no dia de amanhã; e, também, na nossa eternidade: "Vinde, benditos do meu Pai, possuí por herança o reino... Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno" (Mateus 25:34, 41). Estaremos nós dispostos a assumir a responsabilidade dos nossos actos e a pagar o preço das nossas decisões? □

Numa era de viver cómodo, quando o culto do conforto glorifica o luxo e a facilidade, chega-nos este tratado franco, extremamente oportuno. Com o traçado hábil da sua pena, o doutor Richard S. Taylor penetra a superioridade da nossa cultura e põe a descoberto a premente necessidade de uma vida disciplinada. Penetra áreas importantes como a das reacções violentas, dos estados de ânimo, das emoções erráticas, da pontualidade, das fraquezas e paixões humanas.

Se você está cansado do desalinho e da baixa produtividade na vida pessoal, comece já a leitura deste livro extraordinário!



Número de catálogo:

NPVC-3252

Preço: US\$2.00

Faça hoje o seu pedido à

CASA NAZARENA

DE PUBLICAÇÕES

Box 527, Kansas City, Mo.

64141, E.U.A.

a verdadeira vida

O nosso guia árabe tirou um copo de água do balde assentado numa pedra e disse: "Escutem", e despejou-o no escuro do poço. Esperamos ansiosos até ouvirmos, finalmente, o chapinhar da água a cerca de 26 metros de fundo.

Ele fez isso para mostrar a profundidade do poço de Jacó—um dos lugares mais autênticos da Terra Santa. No entanto, eu pensei nas palavras do Salvador a uma mulher pecadora e frustrada, precisamente nesse sítio: "... a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água que salte para a vida eterna" (João 4:14). E, embora tivesse visitado esse lugar várias vezes depois do dia em que o guia demonstrou a profundidade do poço, nunca mais deixei de ouvir de novo, dentro de mim, as palavras maravilhosas de Cristo, de notar o seu impacto e de viver a Sua promessa... *água viva... nunca terá sede.*

Significaria Jesus que a promessa era para todos que crêem n'Ele? E poderia hoje ser nossa?

A resposta é indiscutivelmente SIM.

Basicamente, é esta a razão: quando Deus criou o homem, formou-o com todas as suas faculdades—corpo, mente e espírito—mas a verdadeira harmonia só veio através da habitação do Espírito Santo.

O Cristianismo é a experiência mais satisfatória da vida, talvez a única que satisfaz completamente, pois sem ela não existe vida genuína. Não se trata duma forma de vida. É a forma de viver a vida completa.

A vida em Cristo não se compõe de simples acção ou de pensamento. Mas é pensamento, acção e atitude—dentro dum todo harmonioso,

—G. Franklin Allee

afectando o ser total, para além da aparência exterior. Existe ainda uma constante melodia e um júbilo tão profundo e forte que nenhuma preocupação exterior pode destruir.

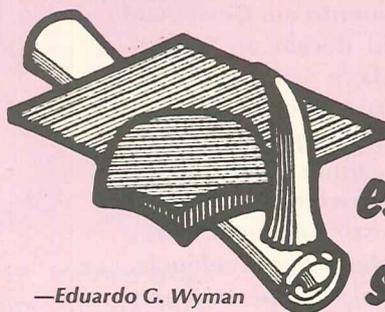
A razão ou causa disso reside em que Jesus Cristo é o Dador da vida, Sua origem.

Rios de vida fecunda jorram do Filho de Deus para a planície da criação, animando massas informes, até tudo se mover sobre a face da terra, no mar e nos céus. Em João 1:3 declara-se: "Todas as coisas foram feitas por Ele e, sem Ele, nada do que foi feito se fez".

Jesus Cristo é o Criador de todas as formas de vida terrena e, também, o Dador de vida espiritual, eterna, através da Sua morte e ressurreição. Ele disse de Seus seguidores: "Dou-lhes a vida eterna, e nunca hão-de perecer" (João 10:28).

No seu ministério terreno, Jesus curou enfermos, alimentou famintos, amou o próximo e deu-Se, foi a revelação da vida divina: "Porque a vida foi manifestada, e nós a vimos, e testificámos dela, e vos anunciámos a vida eterna, que estava com o Pai, e nos foi manifestada" (I João 1:2).

Ser cristão não é seguir uma forma de religião sem vida, nem inscrever-se num credo morto. É viver gloriosamente em Cristo. Deixar que a vida do Mestre penetre nos pensamentos e acções da vida diária. É fazer dos Seus ideais os nossos ideais; dos Seus interesses, os nossos interesses; do Seu futuro, o nosso futuro—até tudo se harmonizar de tal forma que seja difícil separar e identificar o que é de Jesus daquilo que antes chamávamos nosso. "Quem tem o Filho tem a vida" (I João 5:12). □



—Eduardo G. Wyman

a escola do sofrimento

Está você matriculado na escola do sofrimento? Talvez pense que se trata de pergunta descabida. Pois quem desejaria inscrever-se em tal escola? Mas, naturalmente, subentende-se que é uma escola em sentido metafórico. Pode comparar-se a um poço fundo em que os nossos cântaros são demasiado pequenos para tirar água. Mas, se não tivermos baldes, usemos mesmo copos ou colheres.

O director da escola do sofrimento é nosso Senhor Jesus Cristo. Ele dirige uma instituição de ensino muito concorrida, porque o sofrimento é experiência universal. No livro de Jó, Elifaz declara: "O homem nasce para o trabalho, como as faíscas das brasas se levantam para voar" (Jó 5:7). No entanto, quanto ao significado do sofrimento, não tiremos conclusões prematuras. Foi esse o erro dos amigos de Jó: foram para o consolar e acabaram por denunciá-lo como pecador, quando o próprio Deus testificara da sua integridade moral e espiritual.

É verdade que, se não existisse o pecado, nunca teríamos experimentado os múltiplos sofrimentos desta vida. Mas não é correcto exagerar que em todos os casos o sofrimento pressupõe pecado. Pois os inocentes sofrem tanto como os culpados. E, por vezes, os inocentes sofrem por causa do pecado dos culpados. Temos o exemplo supremo em nosso Senhor Jesus Cristo.

Alguém disse que Deus não olhará para as nossas medalhas e títulos, mas para as cicatrizes. O sofrimento assemelha-se ao conhecimento de diferentes idiomas—dá acesso a mais pessoas. Dostoievski referiu-se a esta ideia com sabedoria: "Sofrer e chorar significa viver". Fénelon declarou: "Quem não sofre, nada sabe; não conhece o bem e o mal; nem os homens nem a si próprio".

Nascer, viver, morrer, perder amigos e família, suportar desgraças—tudo é sofrer. Todavia, através da experiência Deus lava-nos os olhos com lágrimas até poderem ver o arco-íris das promessas divinas e contemplar a pátria onde o dia não tem fim e o Senhor é Rei. Aqueles que mais sofrem, são os que se compadecem mais dos outros. A Epístola aos Hebreus (5:8) diz que Cristo "ainda que era Filho, aprendeu a obediência por aquilo que padeceu".

Neste Texto, que se refere a Jesus, há mistérios profundos, mas também os há em todo o sofrimento humano. Melhor que esclarecer mistérios, adoremos reverentemente em silêncio e em reconhecimento espiritual, pois calcamos terra santa. Ajoelhemos diante do Deus que santifica, para nosso bem eterno, todos os sofrimentos.

Jesus, o Mestre divino, que ensinou na escola do sofrimento, declarou bem-aventurados os que sofrem por causa da justiça

(Mateus 5:10). O Seu sofrimento em Getsemani e a caminho do Calvário deram ao Seu ensino um cunho de autoridade e autenticidade. Ele deu-nos o exemplo para que seguíssemos as Suas pegadas. E bela a noite que nos mostra as estrelas; e também o é a noite do sofrimento que ensina verdades invisíveis nos dias de saúde e de paz. Jesus Cristo foi quem sofreu mais; por isso, é o nosso Mestre por excelência.

Mencionemos aqui alguns personagens bíblicos que sofreram: Moisés, que levou a carga enorme de conduzir os israelitas do Egito a Canaã; Jó, que ficou pobre e enfermo, cujo nome parece sinónimo de sofrimento; Elias, que se mostrou tão valente no monte Carmelo como tímido perante as ameaças da rainha Jezabel; Jeremias, o profeta chorão, que se afligiu com os sofrimentos que viriam sobre o povo. As Lamentações de Jeremias manifestam, em cada frase, amor ao próximo e aos inimigos.

Não podemos omitir Oseias que sofreu moralmente com a inconstância e a infidelidade da esposa, Gomer, à semelhança da infidelidade de Israel com Deus. João Batista foi degolado por defender a verdade. O apóstolo Pedro foi crucificado; e os outros também sofreram por amor a Jesus Cristo. Todos demonstraram o valor do sofrimento, principalmente, em relação à glória que lhe segue.

Estes são alguns dos mestres do corpo docente da escola do sofrimento. Vejamos agora o livro texto. Tratando-se da fé cristã, a Bíblia é o texto básico e indispensável. As suas duas partes, o Antigo e o Novo Testamentos, completam-se mutuamente.

No Antigo Testamento, Jó fala do sofrimento humano, mas sem a luz da revelação do Novo. Como ser humano, mostra o desejo de morrer para escapar a tantos males. No entanto, conservou-se sempre leal e obediente a Deus, apesar da esposa lhe sugerir a apostasia. Ela aconselhou: "Amaldiçoar a Deus e morrer" (Jó 2:9).

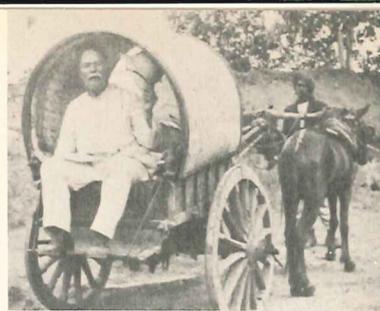
Porém Jó nunca cedeu à tentação. Antes, mesmo no meio da prova, reafirmou a sua fé (1:21): "O Senhor o deu, e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor".

Outro momento crucial da sua vida é Jó 19:23-27. Entre as experiências dolorosas, consegue obter um conhecimento íntimo e pessoal de Deus.

Ao meditar sobre o sofrimento, dobremos os joelhos, pois pisamos terra santa. Concluamos com Jorge Matheson: "Alma minha, não desprezes a escola do sofrimento, pois ela dar-te-á uma parte única na sinfonia do universo". □

H. F. Reynolds e a
viagem à volta do mundo,
Steve Cooley—
Director dos Arquivos
da Igreja do Nazareno.

RAÍZES HISTÓRICAS



O Dr. Reynolds descobre-se para saudar habitantes de povoados da Índia, país que visitou pouco depois de celebrar o seu 60º aniversário.

Cinco anos após a fundação oficial da Igreja na Assembleia Geral de 1908, o superintendente geral H. F. Reynolds e um grupo de 10 novos missionários nazarenos, partiram num barco do porto de São Francisco. Com "tal regozijo, canto e oração jamais ouvido num convés," Reynolds iniciou a jornada à volta do mundo, pelas missões nazarenas.

Uma tal viagem, através das regiões mais subdesenvolvidas do globo, uma prova duríssima para qualquer pessoa naqueles dias de 1914, deve ter sido um verdadeiro sacrifício físico para um homem nos seus 60. A irregularidade de transporte, problemas de comunicação, alimento e abrigo eram obstáculos sérios que os viajantes encontravam constantemente. A erupção da Primeira Guerra Mundial transformou a última parte desta jornada num jogo perigoso de "gato e rato" com as marinhas alemãs e inglesas. Um dos navios em que ele tentou embarcar foi afundado, enquanto um outro era capturado. Quase um ano depois, o som de uma sirene de nevoeiro no porto de Nova Iorque trouxe lágrimas aos olhos do Dr. Reynolds, "dominado por uma sensação profunda de gratidão pelo cuidado do Senhor durante a árdua viagem".

A despeito das dificuldades, a viagem do Dr. Reynolds aos campos missionários à volta do mundo foi um dos factores mais importantes no desenvolvimento da Igreja do Nazareno. Proporcionou o primeiro contacto entre os missionários e a igreja recentemente organizada. Até à visita do Dr. Reynolds, muitos dos campos, incluindo a África, estavam em operação sem o benefício da presença de presbíteros ordenados. As cartas e as fotografias enviadas para os Estados Unidos eram lidas avidamente pelos nazarenos, na revista "The Other Sheep", a primeira publicação missionária da nossa igreja.

A missão na China, mais tarde um dos maiores campos, até à perturbação provocada pela Segunda Guerra Mundial, foi aberta pelo Dr. Reynolds e o grupo que o acompanhava. Outros campos, também, beneficiaram desta visita. Antes do seu retorno, o Dr. Reynolds visitou o Rev. George Sharpe e a Igreja Pentecostal da Escócia. Este grupo, um ano mais tarde, uniu-se à Igreja do Nazareno. Para além de tudo, uma colecção de quase 1.200 fotografias e um volume de cartas obtidas durante esta viagem, documentam vividamente o trabalho missionário durante a nossa primeira década de existência.

Muito mais do que um gesto de amizade, a viagem de 1914 fortaleceu os nossos campos missionários; uniu-nos, mais ainda, como um grupo homogêneo para serviço e trabalho, reenforçando a nossa dedicação à Missão Mundial. □

ELE ERA DEUS!

H.
Blair
Ward

Jesus Cristo, nosso Senhor, era Deus. Ele tinha que ser Deus! Por quê?

Deus é absolutamente santo, justo e bom—infinito nos Seus atributos. Como Tiago 1:17 diz: “Em quem não há mudança nem sombra de variação”.

Deus também é Criador, Sustentador e Governador do universo. Este planeta maravilhoso, a Terra, criado por Ele como morada do homem, é um exemplo do Seu amor infinito. O próprio ser humano é outro exemplo. Ao criá-lo à Sua própria imagem, Deus assumiu o supremo risco de amar e deu-lhe o poder de escolha. O homem é um ser moral livre.

No Seu infinito amor, Deus colocou-o no Éden, um paraíso. O Senhor passeava e falava com Adão pela viração do dia. Que bela relação!

Entretanto, tentado por Satanás, o homem pecou.

Após esta rebeldia tornou-se pecador, por natureza e por escolha—uma escolha quase infinita nas suas consequências terrenas.

Quem poderá avaliar os resultados funestos de assassinatos, guerras, contendas, agitações e conflitos que se lhe seguiram? Quem poderá medir as lágrimas derramadas, os lares desfeitos, as vidas arruinadas e tantas outras tragédias resultantes do pecado?

O pecado é basicamente uma rebelião contra Deus. Cerra o punho no rosto de Deus onnipotente, instala-se no trono do coração e converte-se no princípio orientador da vida. Desejaria, se possível, subir ao céu e derrubar o Senhor do Seu trono.

Esta é a pior das anarquias! A mais alta traição! Por isso, o peca-

do contra um Deus infinito exige um castigo infinito. “Porque o salário do pecado é a morte” (Romanos 6:23). Jesus disse: “Irão estes para o tormento eterno . . .” (Mateus 25:46)—castigo infinito para um pecado infinito.

Como ilustração: João obtém uma bola e uma raquete pelo Natal. Fica encantado. O pai recomenda-lhe cuidado em não jogar perto de pessoas ou de casas. Mas João parte os vidros da janela dum vizinho . . . um desastre! Quer o tenha feito por acidente ou intencionalmente, pouco importa. A janela está partida. Alguém tem que pagar para ela ser reparada—João, das suas economias, ou seu pai—alguém tem de o fazer! Isso não pode ser simplesmente esquecido.

Muito antes da era cristã, Sócrates perguntou: “Como pode um Deus santo perdoar o pecador?” A resposta é que, certamente não o pode fazer, de outro modo seria cúmplice do pecado, “encobrimdo-o”. Por justiça, alguém tem de ser castigado para que o pecado seja perdoado.

Na Sua infinita misericórdia e amor, Deus proveu a forma de perdoar por intermédio de Jesus Cristo. “Deus amou o mundo, de tal maneira que deu . . .” (João 3:16). Cristo deixou a Sua glória e veio à terra, nasceu num presépio, viveu, amou e andou entre os homens. Finalmente morreu numa cruz por todas as pessoas. “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade” (João 1:14).

Ele pagou o castigo infinito requerido pelo pecado. Tinha que ser Deus para o poder fazer.

*Pendurado foste, ó Senhor
Jesus,
Numa Cruz exposto ao
desprezo assim;
Cena que a pensar muita
gente induz:
Padeceste tanto; e sei que
foi por mim.*

*Sangue Teu verteste p’ra me
salvar,
Deste a Tua vida, meu
Redentor.
Sei que tudo foi p’ra me
resgatar;
Padeceste tanto! Eu creio, meu
Senhor*
(L.A. 96)

Poderá alguma pessoa finita pagar o castigo que por um pecado infinito, contra um Deus infinito? A resposta é um enfático não!

É aqui que entra a graça divina. Ela desfere um golpe mortal ao pecado. O egoísmo é retirado, a rebelião afastada e destruída. Os que desejam crer devem chegar, pela graça, aonde podem confiar em Cristo e somente n’Ele para salvação, perdão e vida eterna!

Antes, citámos a primeira parte de Romanos 6:23—“O salário do pecado é a morte”. Agora, completemos o versículo: “Mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Jesus Cristo, nosso Senhor”.

“Porque Deus amou o mundo, de tal maneira, que deu o seu Filho unigénito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3:16). A vida eterna é o dom de Deus recebido por fé no Senhor Jesus Cristo que fez a expiação em nosso lugar.

Ele era o único que podia pagar o castigo infinito pelo pecado.

Ele era Deus, Tinha que ser Deus. □

O CONQUISTADOR DA MORTE

A morte foi sempre um desafio para Jesus. Ele interrompeu os funerais a que assistia para ressuscitar mortos. Fê-lo, pelo menos, em todos os casos mencionados nos evangelhos.

Em Lucas 7:11-17 deparamos com a descrição emocionante de como Jesus ressuscitou o filho duma viúva que levavam a enterrar às portas da cidade de Naím.

Grande compaixão

Atrás do funeral ia uma viúva aflita. Seu filho, único recurso de ajuda, morrera. Nessa época, a vida duma viúva era muito difícil. Tornava-se quase impossível conseguir emprego e, muitas delas, viviam sob o amparo de familiares que lamentavam o dever de ter de as socorrer. Quando o Senhor a viu, “moveu-se de íntima compaixão por ela”, diz Lucas.

Os evangelistas mencionam, com frequência, a compaixão de Jesus. Mostram-se profundamente impressionados com o interesse do Mestre por pessoas que sofriam. Neste relato Lucas vinca a compaixão do Senhor por uma viúva necessitada, comportamento natural, pois Jesus era o Campeão dos pobres, dos desamparados e das mulheres.

Ele compadeceu-Se das multidões, como é fácil comprová-lo; mas também socorreu as necessidades dos indivíduos. Neste caso, o Mestre concentra a Sua misericórdia numa pobre viúva. Ele está sempre disposto a receber qualquer alma necessitada. No entanto, sente profunda compaixão por você e por mim ao considerar a dor que aflige o nosso coração.

Poder extraordinário

Jesus disse à mulher: “Não chores” (v. 13). “E, chegando-se tocou o esquife e disse: Mancebo, a ti te digo: Levanta-te” (v. 14). E o defunto obedeceu: “Assentou-se e começou a falar” (v. 15).

Enfrentar um defunto constituía sempre um desafio para Jesus. Ele era o Senhor da vida e da morte, Sua inimiga. Sendo ela consequência do pecado, o Mestre ao vencê-la manifestou o Seu poder em salvar do pecado. A morte ultrapassa a ciência médica, mas Jesus está acima da morte e do pecado.

Neste evento sobressai o grande poder da palavra de Jesus: “A ti te digo: Levanta-te!” Com uma palavra de autoridade acalmara as águas do lago da Gali-

leia, expulsara demónios e curara doentes. Agora, sob a Sua palavra, um defunto volta à vida! O Senhor domina as enfermidades da mente e do corpo. É o Vencedor da morte, onde desaguam as torrentes da doença.

Logo que ressuscitou o jovem, “entregou-o à sua mãe” (v. 15). Gesto maravilhoso para coroar vitória tão extraordinária! Jesus veio não só para nos reconciliar com Deus, mas também uns com os outros. Quando nos entregamos ao Senhor, Ele, por Sua vez, une-nos aos nossos irmãos com laços santos e felizes.

Motivo de louvor

Os que presenciaram o milagre ficaram admirados. Declararam: “Um grande profeta se levantou entre nós, e Deus visitou o seu povo” (v. 16).

E tinham razão. Jesus era um profeta poderoso em palavras e acções diante de Deus e dos homens. Ele agiu como intérprete da palavra e da vontade de Deus para com o Seu povo. Efectivamente, Deus visitou a Terra na Pessoa e obra de Jesus Cristo, cumprindo as promessas feitas e suprimindo necessidades prementes.

Mas o louvor do povo, ainda que autêntico, foi inadequado. Jesus é “mais que profeta”. Os profetas e apóstolos ressuscitaram mortos, mas nunca no próprio nome. Fizeram-no por intermédio de oração a Deus. Só Jesus pôde dizer: “A ti te digo: Levanta-te!” Só o Filho de Deus encarnado podia assim desafiar a morte.

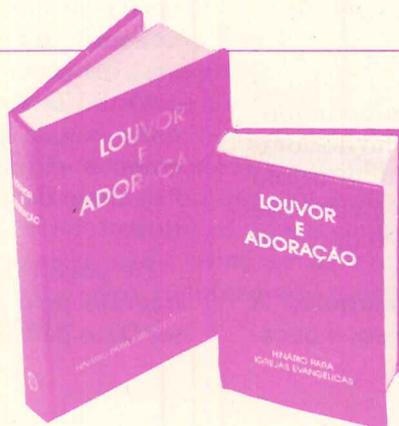
Que lição terá para nós este milagre do passado? Recorda-nos que Jesus se aproxima da nossa situação de pecado, dor e angústia, com amor e poder. Ele cuida de nós e sente a carga do nosso próprio sofrimento. Declara que pode perdoar pecados, consolar aflitos, vencer a morte e unir-nos a Ele e uns aos outros, para sempre.

O milagre ocorreu numa povoação pouco conhecida para nos mostrar que o amor e o poder de Jesus são universais. Abrangem todos os seres humanos e todos os lugares.

Lucas diz que “com ela ia uma grande multidão” (v. 11), mas só uma pessoa atraiu a atenção de Jesus. Agora Ele se aproxima de você com amor; procure corresponder com oração e fé. □

Novo Hinário

- PM-009 Música e letra, encadernado, castanho US\$7.00
- PM-010 Letra, encadernado, castanho US\$5.00
- PM-011 Música e letra, encadernado, azul US\$7.00
- PM-012 Letra, encadernado, azul US\$5.00
- PM-013 Encadernação em pasta especial com argolas metálicas, folhas soltas; ideal para músicos das igrejas US\$18.50



FAÇA HOJE
O SEU PEDIDO À
CASA NAZARENA
DE PUBLICAÇÕES
Box 527,
Kansas City,
Missouri
64141, E.U.A.

ENCONTRO DE AMIZADE

Centenas de irmãos de expressão portuguesa reuniram-se em New Bedford, Mass. (EUA), para o II Encontro de Amizade, no dia 13 de Agosto de 1983. Participaram grupos corais de várias igrejas da área. Os serviços do dia foram coordenados pelo Rev. António N. Leite, tendo como oradores o Rev. José S. Delgado e o Dr. Jorge M. S. Barros. O dia foi marcado por atmosfera de boa camaradagem, música e comida excelentes, exposição de livros, cultos em que se sentiu a presença do Espírito, decisões no altar do Senhor.

O III Encontro de Amizade foi já anunciado para sábado, 11 de Agosto de 1984, na mesma localidade: as instalações do Smith Mills Camp, Tucker Road, North Dartmouth, Mass., de que é co-presidente o nosso pastor Manuel Chavier.



De vários pontos da região, chegam os participantes do II Encontro de Amizade.



Os irmãos José C. Rodrigues (de Pawtucket), Aútilio Costa (de Brockton) e Rev. Ilídio Silva (de Rumford), em animada conversa durante o Encontro.

ACONTECIMENTO EXTRAORDINÁRIO

Após 46 anos de ministério frutífero, nas Ilhas de Cabo Verde e nos E.U.A., aposentaram-se o Rev. Ilídio Silva e sua Esposa, D. Constança Silva. Cerca de trezentas pessoas se reuniram num restaurante da cidade para homenagear o casal Silva, que também celebrava o 45º aniversário do seu casamento. As autoridades locais, o Distrito e a Igreja honraram os celebrantes com citações oficiais e com presentes.

A Igreja do Nazareno de Rumford, até então pastoreada pelo Rev. Silva, tem agora um novo pastor, o Rev. José S. Delgado. A família Delgado veio de Por-

tugal, onde por anos ministrou com dedicação à Primeira Igreja de Lisboa.



O casal Silva celebra uma data extraordinária.



O Rev. José Delgado (à direita), com o Sr. Gamaliel Ferreira, um dos membros da Junta da Igreja de Rumford.

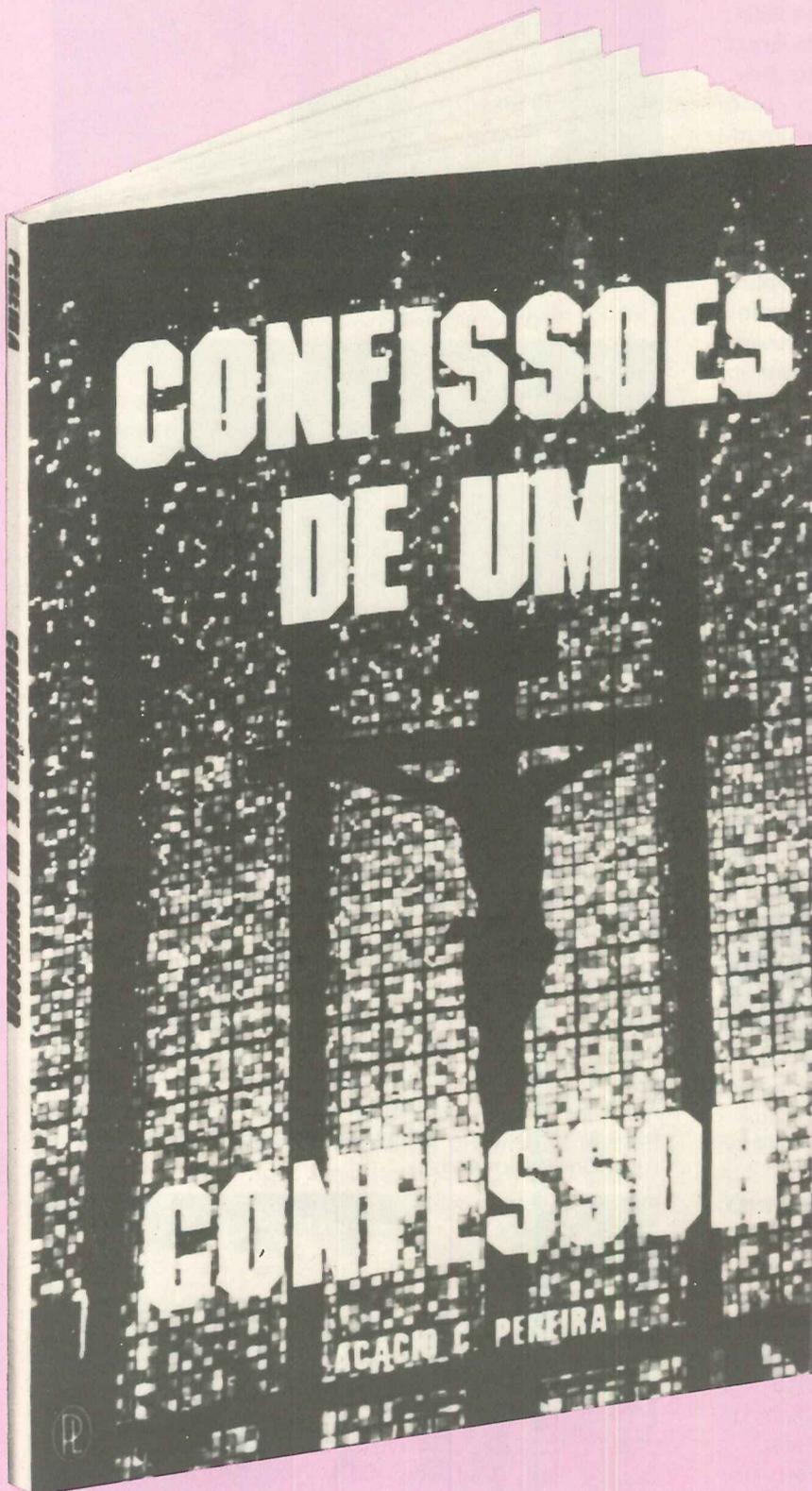
A IGREJA CRESCE

Quando o Rev. Manuel Chavier começou um trabalho nazareno em New Bedford, EUA, enfrentou séria oposição. Mas o grupo inicial de 23, em 1949, cresceu para 423, excedendo de há muito a capacidade do templo.

A Igreja "Internacional" do Nazareno é hoje frequentada por pessoas de várias nacionalidades, entre as quais se salienta um forte grupo de expressão portuguesa. Num passo de fé, esta igreja lançou-se ao trabalho de construir um novo e amplo templo. A aquisição de dois prédios adjacentes garantirá espaço para as escolas da Igreja, actividades recreacionais e reuniões de Jovens.



O Rev. Manuel Chavier (à direita) e filho Manuel Chavier, Jr., junto a fundações do nosso edifício.



CONFISSÕES DE UM CONFESSOR

por Acácio C. Pereira

“Estas páginas não foram escritas para desacreditar um credo e exaltar outro. Falam do que me aconteceu quando, em obediência ao impulso do Santo Espírito de Deus, postrei-me aos pés de Jesus—com batina e tudo—e recebi o que tanta vez eu tinha oferecido ritualmente a confessantes, mas que só Jesus pode dar na realidade: o perdão de pecados, o acesso franco à liberdade evangélica.” —Autor

PLC-001, U.S.\$1.50 cada

Faça hoje o seu pedido à
CASA NAZARENA DE
PUBLICAÇÕES
P.O. Box 527, Kansas City,
Missouri 64141—EUA